

EDUCAÇÃO E IDENTIDADE

**Helena Theodoro Lopes
Da Universidade Gama Filho**

Falar de identidade é falar sobre cada um de nós. Minha tese de doutorado em Filosofia (Lopes, 1985) se pautou exatamente no ideal de pessoa, numa preocupação especulativa na busca constante que vivemos para ser pessoa, numa sociedade absolutamente contraditória como a nossa, que nega a existência do negro e que diz que para o negro existir tem que ser branco, já que o negro no Brasil é educado para entender desde muito cedo, que para ser homem, ele deve ser branco. Na verdade, para se afirmar como pessoa, o negro precisa se negar, mas como tem que ser ele mesmo, entra em contradição total.

O meu trabalho foi feito com a preocupação específica de lidar com a identidade do negro brasileiro. Como educadora, me voltei para a Filosofia, porque acredito que não pode haver dissociação entre educação, cultura e todo o desenvolvimento da vida sócio-política e econômica de um país.

Nós negros sofremos um desvirtuamento a identidade na luta constante que empreendemos com todo esse meio social que nos nega, que nos procura dizer "você não existe", e que nos leva muitas vezes, contraditoriamente, a nos negarmos para nos afirmarmos. Na verdade, um dos processos fundamentais que concorre para isso é exatamente a escolaridade, na medida em que, nesse país, o negro que estuda e que se forma, se afirma como pessoa, e frequentemente, acaba se negando como negro. É uma dificuldade efetiva que enfrentamos na construção de um caminho, de um processo, de um projeto real para o Movimento Negro brasileiro. É exatamente essa identidade de cada um de nós.

O que é ser negro no Brasil? É o negro que está no candomblé? É o negro que mora na periferia? É o negro que é intelectual? É o negro que é de classe média e que não incorpora esses valores negros por-

que é muito doloroso para ele? É o negro da área rural, que vive uma realidade, um contexto completamente diferente, mas que tem consciência das limitações e que tem, inclusive, uma outra soltura e uma outra relação com o trabalho, com o lazer, com a vida em geral?

Temos uma dificuldade muito grande — um vício que é comum ao mundo ocidental cristão — de tentar homogeneizar tudo, de tentar estabelecer identidade como sendo uma coisa única para todos. É impossível se pensar a identidade do negro no Brasil como uma coisa única, una. Temos que pensar em pluralidade, temos que pensar numa visão de identidade que se constrói numa sociedade absolutamente contraditória e sem identidade definida. Isto significa que quando trabalhamos na construção de uma personalidade que nos defina como pessoa, que diga "onde é que eu estou, o que é que eu estou fazendo aqui", estamos construindo uma identidade para um país que também não tem cara, um país que também não tem uma personalidade própria. Inclusive, ninguém pode construir uma identidade sem um referencial. É muito difícil não ter os pés no chão, o umbigo na terra, já que pertencemos a esse país, que ajudei a construir, na medida em que os meus antepassados para cá vieram, muito trabalharam e muito fizeram, dando-me o direito a uma parcela de participação efetiva na sua organização social e política. Esta participação passa pelo processo de identidade e da relação com o poder. E a escola? Acredito que dentro da nossa escola, a identidade negra atue como um elemento dialético. Não podemos pensar em livro didático, não podemos pensar em experiência curricular, sem pensar no professor que está lá e que tem a sua identidade pessimamente construída, bem como no diretor da escola e em cada um de nós, militantes do Movimento, que também temos os nossos problemas de identidade. É preciso salientar tal fato, já que o problema do preconceito não está só nas pessoas que não participam do Movimento. Ele está sendo introjetado em cada um de nós a cada dia, a cada instante, através dos meios de comunicação de massa. Acredito ser muito difícil não assumirmos o racismo que existe em nossa sociedade e contra o qual lutamos. No entanto, temos que aceitar que introjetaram dentro de nós uma série de mecanismos, uma série de posturas que são racistas e autoritárias. Então, para aceitar isso, é preciso ter coragem de assumir esta luta e esta contradição. Nós somos contraditórios e assumir essa contradição nos dará coragem para enfrentar as nossas dificuldades.

Nós recebemos uma lição perfeita de como ser negro no Brasil. Aprendemos a escamotear as nossas contradições. Surge, então, um problema enorme de identidade do negro que, para sobreviver, tem que escamotear, mas também tem que enfrentar essa escamoteação. Este é um problema difícil! É uma confrontação que cada um precisa fazer consigo mesmo e que é dolorosa! Ser negro no Brasil é uma das coisas mais cruéis que existe na face da terra, porque é viver em conflito permanente: dentro da fa-

mília, no meio social, no meio cultural, no meio profissional. É muito difícil conseguir se sair bem, conciliando vida pessoal, social e profissional.

Questiono até que ponto o nosso existir como pessoa estabelece uma relação nossa, de identidade, com o nosso existir social e com o nosso fazer pedagógico? Até que ponto nós, na escola, deixamos de questionar objetivamente a problemática do negro, buscando soluções que são apenas paliativas e não uma reconstrução geral? Quando Joel Rufino afirma: "vamos tacar fogo no livro, vamos tacar fogo na escola", compreendo como um processo de revirar tudo, de construir alguma coisa nova, que seja nossa. Esse é um processo que tem que se dar também com cada um de nós. Em que aspecto temos que nos tacar fogo? É doloroso, queima, dói, sangra, mas precisamos enfrentar e tirar aquilo que é contra nós.

Até que ponto, quando discutimos o problema das crianças que saem da escola, enfrentamos a questão de como a relação entre aluno negro e professora negra reflete a dificuldade de se lidar com a problemática do negro e de se ter uma identidade, num país onde as famílias negras não falam sobre o preconceito, não falam sobre as suas dificuldades, não falam no preconceito que têm do batuque que assistem no Rio Grande do Sul, na macumba que frequentam no Rio de Janeiro, ou no candomblé de que participam em Salvador? Até que ponto podemos entender uma ialorixá* que tem toda uma identidade construída e diz "não, a minha religião é a católica-apostólica-romana. Candomblé é uma seita, eu não posso ver o candomblé como uma religião, porque no candomblé a gente vive o dia a dia".

Constatamos, de repente, que temos introjetado o tal mito da democracia racial, o tal mito da ciência ocidental cristã que faz com que cada um de nós tenha uma dificuldade enorme de enfrentar a realidade de valores diferentes.

O trabalho que desenvolvi na minha tese foi exatamente a busca de valores que pudessem servir à reconstrução e à efetivação de uma identidade negra brasileira. Isso, vendo o negro não como cor de pele, mas como cultura, como uma maneira de ver o mundo, de entender a vida, de pensar; não como um simples problema epidérmico, mas que está profundamente ligado a uma reformulação de valores que não atinge única e exclusivamente a este país, mas que atende a uma renovação de valores do mundo ocidental cristão, porque esses valores que estão aí não acabaram com a fome, não acabaram com a guerra, não acabaram com o racismo, não acabaram com a discriminação racial, não acabaram com as dificuldades que o homem tem como pessoa.

E o que é a identidade? É a construção que cada um faz de si mesmo como pessoa. Então isso não vai ser nunca igual, porque isso é contextual, e está ligado à situação de cada um. É uma forma de se buscar nos valores negros uma nova idéia de pessoa.

Se utilizarmos a palavra "sociabilização" como a *viabilidade da criança se integrar ao meio, sendo sujeito e não objeto, o que ocorre com a criança negra?*

É lógico que a "sociabilização" não começa na escola. Por que temos 50% das crianças do Rio de Janeiro reprovadas ainda na 1ª série do 1º grau, após 20 anos de trabalho? Os problemas não são só pedagógicos. Os problemas são psicológicos. O problema é a rejeição que sentimos quando entramos em qualquer lugar onde somos as únicas pessoas negras e todos nos olham se perguntando: "o que é que essa neguinha está fazendo aqui?" Temos que ter a noção de que, para se assumir uma identidade, é preciso pensar na criança, em geral, e na criança negra, em particular. Na alienação das crianças e na alienação da criança negra que está fora do contexto cultural dela. É preciso exorcizar esses fantasmas do complexo de inferioridade do brasileiro, aliás existente em toda a América Latina.

No Capítulo II de minha tese, sobre "Axé e vida", onde trato do problema da fé religiosa, em seu depoimento Turner (1985, apud Lopes, 1985) pergunta: "por que é que o pessoal de terreiro tem mais segurança?" Porque dentro do terreiro encontramos uma identidade assegurada pela relação social e pela confirmação espiritual (o que não elimina, entretanto, determinados problemas psicológicos). Apesar de não serem suficientes, estas vivências já nos dão um sentido de afirmação própria como pessoa — "eu pertencço a um determinado grupo e tenho um determinado referencial" — porque fora daí, negro no Brasil fica sem referencial. O que é ser negro? É consciência coletiva de estar no mundo. O que é ser um negro? É consciência individual de cada um no mundo. Quando você pertence a um determinado terreiro, a uma determinada família, você está numa Angola, você está no Gegê. Você tem uma base efetiva de referência que lhe dá, inclusive, fé em você. Você pode fazer, você pode construir. É a consciência individual. Entretanto é preciso pensar no coletivo! Mas o que tem acontecido nos últimos anos? Henrique Cunha lembrou das pesquisas que fizemos nos anos 70 e que repetimos nos anos 80. É uma tática desta sociedade contraditória que nega a cada um de nós e que nos leva, para nos afirmarmos, a aceitar esta negação; que manipula nossos próprios conhecimentos, permitindo que certas pessoas da comunidade negra consigam ocupar posição de destaque e que depois sejam tranqüilamente queimadas, arquivadas e postas de lado, juntamente com seus conhecimentos, suas idéias e propostas de mudança.

É a própria comunidade sendo profundamente usada e manipulada para se dividir. Quando um negro ascende socialmente, ou consegue desenvolver algum tipo de trabalho, começam logo os problemas: embranqueceu, é burguês, é de classe média, não se relaciona mais com os negros pobres, perdeu a sua autenticidade, agora só se baseia na sua tese...

* Mãe-de-Santo. Nota da Redação.

1 Ver comunicação "A indecisão dos pais face à percepção da discriminação racial na escola pela criança", p. 51.

Quem vai dirigir esse processo de transformação junto com os elementos que governam, que são minoria, sim, mas que mantêm o poder nesse país? Como? Tendo as mesmas armas que eles. E como é que podemos ter as mesmas armas? Para transformar temos que estar no campo de luta, não se muda uma estratégia de guerra sem estar nela. E o que está acontecendo com os negros nesse país? Estamos aliçados. O máximo que conseguimos é assessorias. Assessoria, assessora, não decide. E nós temos que decidir. Identidade implica em poder de decisão, "eu decido a minha vida, eu decido o meu destino. Eu assumo tranqüilamente o que eu digo, o que eu faço, o que eu falo e as conseqüências disso"; isso é insurgência diária, do dia a dia, é a prática contínua de olhar o mundo e enfrentar o outro sem medo do outro. Mas nós vivemos como cultura oprimida, sob a égide do medo. O negro no Brasil, e no mundo inteiro vive perseguido e como representamos ameaça, somos ceifados de todas as maneiras. Todo problema de negro é problema de polícia, é problema de vida ou de morte. Somos continuamente postos à prova e a nossa fragilidade é tamanha que quando se alcançam determinadas posições — como a direção de uma escola, a direção de um projeto — começam a apostar contra. Então, como é que podemos evitar que essas coisas aconteçam? Assumindo uma identidade, sim, que é variada, que é plural e que não é um problema exclusivamente de negros, é um problema de Brasil, e do Terceiro Mundo. É problema de todos aqueles que pensam numa transformação social efetiva, numa reformulação de valores que possam estabelecer uma relação mais digna de vida para o ser humano. E para isto, acho que está faltando muito. (Ontem nós tivemos uma conversa com os companheiros do Movimento até quase 2:00 horas da manhã, sobre a própria dificuldade de sociabilidade num encontro como esse. Onde estão os nossos valores de pessoas? Que diabo de identidade de negro é essa onde a maioria das pessoas se agride? Por que, se estamos trabalhando juntos, com os mesmos objetivos?).

Lidar com as diferenças é difícilimo e lidar com identidade é ter noção de que somos diferentes, e de que dentro dessa diferença temos objetivos comuns e que só faz sentido lutar se se tem um projeto de vida que leve a uma construção comum. Então, a identidade se constrói nessa relação individual e social. Se nosso projeto social é comum, nosso individual não tem que, obrigatoriamente, ser o mesmo. Então eu posso pertencer ao terreiro de candomblé, mas posso me relacionar com a Vera Triunfo, da Pastoral, posso me relacionar com o meu querido amigo e companheiro de luta, Santana, Pastor da Igreja Metodista, e posso me relacionar com o professor Borges, da USP, com a Regina, da Fundação Carlos Chagas, se nós estamos indo numa mesma direção. Tenho, porém, que estar alerta, porque é o negro que tem que cuidar dos seus interesses. Não cabe ao outro verificar se a identidade do negro está sendo desvirtuada, deteriorada ou vilipendiada. Temos que



assumir a nossa própria voz, o negro tem que falar por si mesmo. Ainda não chegou a hora de darmos um basta nessa história de falarem por nós, o que pensamos, o que sentimos. Mas isso acontecerá naturalmente, normalmente, numa evolução e num aumento de poder, de poder de ciência, poder de decisão, poder econômico-financeiro, poder de publicar e poder de não permitir que este processo reverta. O Movimento Negro, e cada um de nós, em particular, tem que assumir uma identidade de negro brasileiro, construída segundo as nossas próprias circunstâncias históricas e sociais, e que implica em contradições enormes, mas que é uma busca constante de um encontro de cada um consigo mesmo e com uma luta que considere digna. ●

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

LOPES, H.T. *Implicações para a moral social brasileira do ideal de pessoa humana na cultura negra (o negro no espelho)*. Rio de Janeiro, 1985. (Tese dout. Universidade Gama Filho)